

TRIVIAL VARIADO

RUBEM BRAGA

Intermezzo pastoril

Que tempo que eu não andava por esses lados, e quando passei aqui só parei em cidade e depois fui fazer uma reportagem no Paraná. Agora rodamos pelo asfalto, saindo de São Paulo para oeste, atravessamos Cotia e São Roque, passamos ao lado de Sorocaba e Itapeatinga, depois de uns 200 quilômetros entramos em Angatuba, paramos um pouco no seleiro, porque João Leite queria encomendar umas botas e depois tocamos por uma estradinha de terra até a fazenda de um Alves Lima, não uma fazenda antiga de família antiga, mas fazenda nova de um desses paulistas que, depois de se formar em Direito, ser jornalista e diretor de firma fica tentado por uma proposta de comprar umas terras...

No comêço, o que se pensa é fazer um rancho, comprar um gadinho para cria e recria nesses campos naturais, basta um campeiro, quem cria o gado é o pasto e Deus. Mas quando o sujeito toma gôsto já resolve fazer uma casa mesmo com seu confôrto, varanda com rêde, geladeira de querosene, depois quem sabe fazer uma reprêsa, a coisa vai se complicando, o melhor é plantar capim pangola, assim o alqueire que dá para uma vaca dará para três, botar uns carneiros, os merinos são caros mas dão bem aqui, a coisa boa para o gado é ponta de cana, e não sei mais o quê, e dinheiro haja, e então o melhor é olhar a coisa como capitalista, e o cara que ia "soltar uns bois" acaba assinando revista

agrícola — paulista é assim. Mas o mineiro João Leite ainda está na fase primeira: tudo bôbo, dentro da mangueira, êle assiste a Ermelindo botar sua marca nos seus primeiros bois da vida — ter bois com marca de seu ferro, com iniciais de seu nome, pela primeira vez na vida depois dos 50 anos, é grave. Um camarada pega a bezerra pelos cornos, outro pela cola, outro no meio do corpo, e tombam a bicha, e o ferro chia no couro saindo fumaça com aquêle cheiro de carne queimada e lá fica bem claro marcado JL. João está bôbo, o pior é o sócio dêle, um pintor cearense que vai para Paris, Antônio Bandeira, de repente eis que é criador nos campos de Piratininga!

Conhecido pintor

Claro, Antônio Bandeira é um conhecido pintor. Acaba de trocar uns tantos centímetros quadrados de tela por uns quantos quilômetros quadrados de campo, mas pintor conhecido é. Tanto assim que no restaurante de um pôsto de gasolina, à beira da estrada, o rapaz atrás do balcão me pergunta se aquêle barbu-do não é um pintor que morou em Paris, êle viu há muito tempo numa revista um "anúncio" dêle. Outro empregado ouve a história admirado, olha aquêle homem de pele escura e cavanhaque branco. Pintor? E' isso mesmo, nos diz. Pintor se conhece pela barba, êle há muito tempo conheceu um pintor que tinha barbas

ainda maiores, um pintor muito importante, especial. Concordamos: é claro, pintor tem barba. E ele olha o Bandeira e nos olha admirado, quem sabe se perguntando por que será que pintor tem de ser barbudo; mistérios da natureza.

O nome da fazenda

E discutimos o nome da fazenda, que nunca foi fazenda direito, e pelas águas que tem dentro e nas divisas e por um lugar perto podia se chamar Água Bonita (um corguinho com poços claros cheios de lambaris do rabo vermelho) ou Tamanduá, nome do riacho para onde ele corre, já com direito a traíra, e que vai para o Santo Inácio, que vai para o Panema (aqui eles tratam o Paranapanela com essa intimidade) que vai para o Paraná, que vai para o Rio da Prata; ou então Retiro Velho, mas retiro velho há muitos.

Resolvem que será Água Bonita, que também será o nome da futura cachaca das canas que o Alves Lima está plantando na fazenda dêle. Acho que isso dará confusão e proponho que em homenagem ao Bandeira e ao riacho o lugar seja Tamanduá Bandeira; João concorda, desde que a marca da boiada seja JL; boiada que ele chama são essas bezerras magras que vieram de Macedônia, tão poucas e tão feias, mas enfim! ninguém vira grande fazendeiro do dia para a noite.

Paraná, abril de 1958
Nogueira Lima

Até hoje, os
livros não
da Universidade
preciosos docu-
sua mocidade, que
uma erudita não

que nos arrua do gôdo